



*Estudos Africanos em Portugal e Espanha:
perspectivas comparadas | Los Estudios
Africanos en Portugal y España: perspectivas
comparadas | African Studies in Portugal
and Spain: comparative perspectives*

*O DESENVOLVIMENTO CONTEMPORÂNEO DOS
ESTUDOS AFRICANOS EM PORTUGAL¹*

Franz-Wilhelm Heimer

Desde meados do século XX, a acompanhar o processo de descolonização e as trajectórias pós-coloniais em África, constituiu-se a nível internacional uma nova área do saber, a dos estudos africanos interdisciplinares em ciências sociais (no sentido amplo, incluindo a economia e a história). Retomando e transformando algumas vezes tradições anteriores, fundou-se mundo afora neste domínio uma larga centena de instituições científicas, de investigação e de ensino. Criaram-se, na Europa Ocidental e na América do Norte, grandes bibliotecas especializadas que, neste momento, compreendem no seu conjunto mais de 1,000,000 de títulos. Existe cerca de uma centena de revistas científicas de estudos africanos. A comunidade internacional dos africanistas, composta por milhares de cientistas sociais, está cada vez mais interligada por um “networking” intenso onde os cientistas sociais africanos ocupam um lugar de crescente importância.

Portugal começou a marcar presença neste domínio com uma geração de atraso. Como outras antigas metrópoles coloniais, o país tem, é claro, uma longa tradição de estudos sobre África. Em ciências sociais, estes eram porém, até 1974, triplamente condicionados e limitados: ideologicamente pela situação de colonizador, politicamente pelo regime autoritário vigente, e cientificamente pelo desenvolvimento muito restrito que este regime concedeu às ciências sociais em geral.

É portanto só depois da queda da ditadura salazarista que se abre a possibilidade de se constituir, também em Portugal, o domínio dos estudos africanos modernos, no sentido acima referido e internacionalmente consagrado. Uma primeira iniciativa neste sentido foi tomada, ainda em 1974, pela criação

¹ Este texto desenvolve e actualiza a análise apresentada no artigo “Estudos africanos em Portugal: Balanço das dinâmicas actuais”, publicado pelo autor em *Cadernos de Estudos Africanos*, 1, Julho/Dezembro 2001.

de um Centro de Estudos Africanos, no quadro de uma instituição herdada do tempo colonial, o actual Instituto de Investigação Científica Tropical - sendo significativo que esta iniciativa se deveu a um elemento que voltou, doutorado em economia, de anos de exílio político na Alemanha, e que foi forçado deixar a instituição quando, em 1976, a “fase revolucionária” chegou ao fim – Eduardo de Sousa Ferreira, professor (hoje aposentado) do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG). Posteriormente, a direcção deste centro foi assumida pela historiadora e antropóloga inglesa (naturalizada portuguesa, recentemente falecida) Jill Dias que - depois de ter assistido em 1980, em Bad Homburg/ Alemanha, à primeira conferência internacional (organizada pelo autor a partir do Arnold-Bergstraesser-Institut, da Universidade de Friburgo) sobre os países africanos de língua oficial portuguesa, constituídos pouco antes - lançou em 1984 a *Revista Internacional de Estudos Africanos*, a primeira publicação periódica portuguesa que se inseria na perspectiva dos “Modern African Studies”. O CEA/IICT teve uma existência bastante discreta, sendo dissolvido nos anos 2000; o último número da revista foi o referido a 1995-1999. Convém mencionar que, desde os anos 1980, passou a haver, em diferentes unidades do IICT, alguns investigadores integrados na perspectiva dos estudos africanos modernos, coexistindo com outros que se situam numa linha de continuação das tradições anteriores.

Entretanto, o essencial do desenvolvimento dos estudos africanos modernos deu-se, em Portugal, não em instituições provenientes do sistema de dominação colonial, mas nas universidades que, até 1974, geralmente pouca atenção tinham dedicado a África. Já a partir do fim dos anos 1970, fundaram-se - sob designações diversas - uma larga dezena de centros de estudos africanos, nas universidades públicas cujo número aumentou exponencialmente nas últimas décadas, bem como nas universidades privadas que começaram a surgir depois de 1974. Destes centros, consolidaram-se essencialmente três que obtiveram o estatuto de “Unidades de Investigação & Desenvolvimento” junto da Fundação para a Ciência e a Tecnologia: o Centro de Estudos Africanos (CEA) do ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa; o Centro de Estudos Africanos (CEA) da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; e o Centro de Estudos sobre África e o Desenvolvimento (CEsA), do Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa. Centros ou núcleos de expressão variável existem hoje também na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa, na Universidade da Beira Interior, na Universidade de Évora, na Universidade Lusófona, e na Universidade Lusíada (em ambos os casos em Lisboa) bem como na Universidade Portucalense, do Porto.

No total das universidades, desenvolve-se actualmente um ensino (a nível de bacharelato, de mestrado e de doutoramento) e uma investigação em estudos africanos que abrange várias centenas de docentes e investigadores. Existem três



revistas científicas da especialidade, os *Cadernos de Estudos Africanos* (ISCTE-IUL), os *Africana Studia* (Universidade do Porto) e a *Africana* da Universidade Portucalense. A área foi consideravelmente reforçada pela constituição, no ISCTE – IUL, de uma Biblioteca Central de Estudos Africanos, no essencial financiada pela FCT, e apoiada pelos três centros acima destacados. Outra infra-estrutura importante é o portal online “Memórias de África e do Oriente”, projecto conjunto do CEaA e da Universidade de Aveiro, que reúne um acervo crescente de documentos e estudos sobre os países africanos de língua oficial portuguesa. Finalmente, convém mencionar aqui o boletim informativo sobre iniciativas africanistas, no mundo inteiro, inicialmente lançado pelo núcleo de Évora, e posteriormente assumido pelo CEA/UP.

A investigação realizada é bastante diversificada e, embora verse predominantemente sobre os países africanos de língua oficial portuguesa, tem vindo a estender-se cada vez mais a outros países - especialmente no caso do CEA/ISCTE-IUL onde já se realizaram trabalhos, entre outros, sobre a África do Sul, o Botswana, a Namíbia, o Zimbábue, a Costa de Marfim, o Gana, o Senegal, o Mali, a Etiópia e a Somália. Do ponto de vista temático, regista-se um leque que vai da política e da economia até às mais diferentes facetas das dinâmicas sociais e psico-sociais. A grande maioria dos estudos concentra-se na fase pós-colonial, embora haja sempre um certo número de investigações sobre períodos mais recuados. As pesquisas realizam-se, por um lado, a título de iniciativa individual, muitas vezes ligada a dissertações de doutoramentos ou projectos pós-doutorais; por outro lado, e com maior frequência, tomam a forma de projectos empreendidos por grupos de investigadores de vários níveis. O financiamento para estes projectos provém principalmente da FCT, mas algumas vezes também de outras instituições, nacionais ou estrangeiras, como por exemplo da Fundação Calouste Gulbenkian e da Fundação Volkswagen.

Em ligação com o ensino e/ou a investigação, organizam-se numerosas conferências, algumas nacionais, mas na sua maior parte internacionais. Estas são geralmente iniciativas de um dos centros, com destaque para os do ISCTE-IUL e da Universidade do Porto. O “networking” internacional, sistematicamente desenvolvido por alguns dos centros, leva ocasionalmente à organização de conferências fora de Portugal, em parceria entre um centro português e outro do respectivo país. Exemplos são uma conferência realizada em 1982, em Bissau, pelo CEA/ISCTE-IUL e o INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa) da Guiné-Bissau, e em 2002 em Providence/EUA, pelo CEA/ISCTE-IUL e a Brown University. Mais recentemente, houve a organização de uma série de conferências internacionais sobre “Trabalho forçado africano”, em Portugal e noutros países, pelo CEAUP e diferentes parceiros internacionais.

Este “networking” conduziu parte dos centros à integração em redes internacionais, constituídas em termos permanentes ou conjunturais. Neste contexto, convém mencionar em primeiro lugar a participação de todos os





centros/núcleos portugueses e espanhóis nos Congressos Ibéricos de Estudos Africanos que, desde 1991, se realizam de dois em dois anos, ora em Espanha, ora em Portugal.

O CEA/ISCTE-IUL filiou-se em 1990 ao AEGIS, a rede europeia de estudos africanos que naquela altura estava em vias de constituição, participando em todos os eventos por esta organizados desde então, e realizando em Lisboa, em 1991, a primeira conferência temática da rede. Quando da constituição formal do AEGIS, um representante do Centro integrou a sua primeira direcção, e na actual direcção regista-se novamente a presença de um elemento deste Centro que irá organizar em 2013 o 5º Encontro Europeu de Estudos Africanos da rede (ECAS 2013). Recentemente, também o CEA do Porto passou a integrar o AEGIS.

Cumprir ainda referir a presença regular de representantes dos estudos africanos em Portugal, no quadro dos Congressos Luso-Afro-Brasileiros de Ciências Sociais que, desde 1990, se realizam de dois em dois anos num dos países de língua portuguesa e foram organizados, em 2000, pela Universidade do Porto, concretamente pelo CEAUP.

28

O “produto” mais tangível dos estudos africanos são, naturalmente, as publicações. Neste terreno, as três revistas acima referidas tiveram, e no caso dos *Africana Studia* e dos *Cadernos de Estudos Africanos* continuam a ter, uma função pioneira e de “pivots”. Durante anos, a produção de livros - monografias, colectâneas - foi relativamente limitada e dispersa. Neste terreno, registam-se neste momento progressos significativos, devidos às edições continuadas do CEAUP, em colaboração com as editoras Campo das Letras e Húmus, e ao lançamento, pelo CEA/ISCTE-IUL, de duas séries, “África em Perspectiva”, a cargo da editora Gerpress de Lisboa e destinada a livros em português, e a “African Vistas”, da editora Kingston de Londres, vocacionada para o mercado internacional e editando em inglês, bem como a “Tempos e Espaços Africanos”, do CEA, publicada pelas Edições Colibri, com obras originais e traduções de obras publicadas fora de Portugal.





*THE CONTEMPORARY DEVELOPMENT OF
AFRICAN STUDIES IN PORTUGAL*

Franz-Wilhelm Heimer²

Since the mid-twentieth century, whilst the decolonization process and the postcolonial trajectories in Africa took place, a new area of knowledge has emerged at the international level – the interdisciplinary African studies in social sciences (in a broader sense, including economics and history). More than a hundred scientific research and teaching institutions were founded around the world, sometimes building upon, and transforming, earlier traditions. Large specialized libraries were created in Western Europe and North America, which in total amount to well over 1,000,000 titles. Today there are approximately one hundred scientific journals of African studies. Networking activity increasingly interconnects the international community of Africa specialists, composed of thousands of social scientists, where African social scientists are of growing importance.

Portugal's presence in this field was delayed by one generation. Like other former colonial metropolises, the country has of course a long tradition of studies on Africa. However, up until 1974, in the field of social sciences these studies were conditioned and limited in three ways: ideologically by the colonial situation; politically by the prevailing authoritarian regime; and scientifically by the restrictions imposed by that regime on social sciences in general.

As a consequence, the possibility to set up the field of modern African studies in Portugal, as described above and envisaged internationally, was only feasible after the collapse of Salazar's dictatorship. A first step in this direction was taken, as early as 1974, when a Centro de Estudos Africanos (CEA, Centre of African studies) was established under the framework of an institution inherited from colonial times, the current Instituto de Investigação Científica Tropical (IICT, Institute for Tropical Scientific Research). It is of significance that this initiative was due to Eduardo de Sousa Ferreira – currently a retired professor of the Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG, Higher Institute of Economics and Management) of the Universidade Técnica de Lisboa – who had returned to Portugal with a Ph.D. in economics, after years of political exile in Germany, and who was later forced to leave the institution when, in 1976, the “revolutionary phase” was over. Subsequently, direction of the centre was taken over by British historian and anthropologist (naturalised Portuguese, and recently

² This text develops and updates the analyses presented in the article “Estudos africanos em Portugal: Balanço das dinâmicas actuais”, published by the author in *Cadernos de Estudos Africanos*, 1, July/December 2001.



deceased) Jill Dias. In 1984 – after attending the first international conference (organised by this author from the Arnold-Bergstraesser-Institut, University of Fribourg) on African Lusophone countries (constituted shortly before), in Bad Homburg/Germany, in 1980 – she launched the *International Journal of African Studies*, the first periodical publication in Portuguese in a perspective of “Modern African Studies”. The CEA/IICT had a very discreet existence, and was dissolved in the early 2000s. The last issue of the journal is dated 1995-1999. It is worth mentioning that since the 1980s, several units of the IICT have included researchers involved in the modern African studies’ perspective, along with those who follow a line of earlier traditions.

However, overwhelmingly the development of modern African studies in Portugal didn’t take place at the institutions inherited from the colonial domination system, but rather at the universities which, until 1974, had usually devoted little attention to Africa. From the late 1970s onwards, more than a dozen centres of African studies were founded – under different names – both at public and private universities, which have increased exponentially in number over the last decades. Three of these centres – acknowledged by the Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT, Foundation for Science and Technology) – gained the status of “Units of Research & Development”: the Centro de Estudos Africanos of ISCTE - Lisbon University Institute; the Centro de Estudos Africanos of the University of Porto; and the Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento (CEsA, Centre for Studies on Africa and Development) of ISEG. Other centres or nuclei, of variable importance, can now also be found at the Faculdade de Letras (Faculty of Arts) of the Universidade de Lisboa, at the Faculdade de Economia (Faculty of Economics) of the Universidade de Coimbra, at the Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP, Higher Institute of Social and Political Sciences) of the Universidade Técnica de Lisboa, at the Universidade da Beira Interior, at the Universidade de Évora, and at three private universities: the Universidade Lusófona, and the Universidade Lusíada (both in Lisbon) and the Universidade Portucalense (in Porto).

Overall, education (at bachelor, master and doctoral level) and research in African studies, at Portuguese universities, currently engages several hundred researchers and teaching staff. There are three specialized scientific journals: the *Cadernos de Estudos Africanos* (CEA/ISCTE - Lisbon University Institute); the *Africana Studia* (CEA/University of Porto); and *Africana* (Universidade Portucalense). This field of studies has been considerably strengthened through the creation of the ISCTE-based Biblioteca Central de Estudos Africanos (BCEA, central library of African studies), which is essentially funded by the FCT, and supported by the three centres listed above. Another important infrastructure is the online portal “Memórias de África e do Oriente” (memories of Africa and the Oriente) – a joint project of CEsA and the Universidade de Aveiro, which congregates an increasing selection of documents and studies on African



Lusophone countries. Finally, also worth mentioning is the newsletter on Africa-related initiatives around the world, initially released by the nucleus of the Universidade de Évora, and later taken on by the CEA of Universidade do Porto.

The research undertaken is quite diversified. Although it has been focusing mostly on the African Lusophone countries, it has extended increasingly to others – particularly at the CEA/ISCTE - Lisbon University Institute where other studies, e.g., on South Africa, Botswana, Namibia, Zimbabwe, Ivory Coast, Ghana, Senegal, Mali, Ethiopia, and Somalia have been carried out or are underway. Topics range from politics, economics and history to various facets of social dynamics and psychosocial aspects. Most of this research is focused on the post-colonial phase, although there are always a number of researches into more remote periods. The research is, on the one hand, carried out through individual initiative, often linked to doctoral dissertations or post-doctoral projects or, on the other hand (most frequently), based on projects set up by groups of researchers from different academic levels. Funding for these projects comes mainly from the FCT, but sometimes also from other domestic or foreign institutions, such as the Calouste Gulbenkian Foundation and the Volkswagen Foundation.

Numerous conferences are organised in connection with education and/or research, both nationally and internationally. These initiatives are usually carried out by one of the centres, mainly by those at ISCTE - Lisbon University Institute and at the University of Porto. The international networking, developed systematically by some of the centres, occasionally leads to conferences outside Portugal, organised in partnership with a centre or university based in another country. Examples of this are: the 1982 conference, in Bissau, organised by CEA/ISCTE - Lisbon University Institute and the Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP, National Institute of Studies and Research) of Guinea-Bissau; and one in 2002, in Providence/USA, organised by Brown University and CEA/ISCTE- Lisbon University Institute.

The same intense networking activity led some of the centres to an active participation in formally constituted international networks, of a permanent or temporary nature. In this context, the first reference goes to the participation of all centres and units in the Congressos Ibéricos de Estudos Africanos (Iberian Congresses of African Studies) which, since 1991, are held every two years in either Spain or Portugal.

Furthermore, in 1990, the CEA/ISCTE - Lisbon University Institute joined AEGIS, the European network of African studies – which was at that stage in the process of being set up – and has since then has participated in all events organised by this network, and was in charge of its first thematic conference which took place in Lisbon in 1991. When AEGIS was formally established, a representative of the centre became a member of its first board. The present



board includes, once more, a representative of the centre which will host, in 2013, the 5th European meeting of the African studies network (ECAS 2013). More recently, the CEA of the University of Porto also joined AEGIS.

Finally, representatives of African Studies in Portugal are a regular presence at the Congressos Luso-Afro-Brasileiros de Ciências Sociais (Luso-Afro-Brazilian Social Science Congresses). These congresses have been held every two years, since 1990, in one of the Portuguese-speaking countries, and the 2000 edition was organised by the University of Porto, more precisely by its CEA.

The most tangible “products” of African studies are of course the publications. In this respect, the academic journals mentioned above have been – and in the case of *Africana Studia* and *Cadernos de Estudos Africanos* still are – pioneering and crucial. For years, the production of books – monographs or edited volumes – has been relatively limited and dispersed. In this field, significant progress can be currently observed, due to the on-going publishing activity of CEA/Universidade do Porto in collaboration with Campo das Letras and Humus publishers, and through the launch of two series by CEA/ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa: “Africa in Perspective,” with the Lisbon publishers Gerpress, for books in Portuguese; and “African Vistas”, with Sean Kingston Publishing of London, for books in English, aimed at the international market, as well as the “Tempos e Espaços Africanos”, launched by CEA through Colibri Publishers, containing both original texts and translations.

LOS ESTUDIOS SOBRE ÁFRICA EN LA ESPAÑA CONTEMPORÁNEA

Jordi Tomàs³

En el estado español, el interés académico sobre África empezó a finales del siglo XIX en el contexto colonial, al igual que sucedía en muchos otros países de Europa. Así, en 1876, en plena presión imperialista europea sobre África, se crearon la Sociedad Geográfica Española y la Asociación Española para la Exploración y Civilización del África Central. Poco después, en 1883, aparecía la Sociedad Española de Africanistas y Colonialistas.

Durante décadas, las tentativas de aproximación intelectual a África, que bebían del racismo dominante, consideraron las poblaciones del continente vecino como claramente inferiores, y la mayor parte de los estudios estaban destinados a mostrar la necesidad de “civilizar” a los africanos. A pesar de esta

³ La mayoría de informaciones para confeccionar este texto, lógicamente incompleto, fueron obtenidas de Tomàs, Jordi y Albert Farré (2009): “Los estudios africanos en España: balance y perspectivas”, Documentos Cidob, Serie Desarrollo y cooperación, número 4, Cidob, Barcelona (en línea).



mirada tan etnocéntrica, aparecieron algunos trabajos potentes, especialmente sobre Guinea Ecuatorial, como gramáticas y diccionarios, sobre todo firmados por los misioneros. Hasta la Guerra Civil (1936-1939) también fueron publicados varios artículos en revistas españolas sobre la historia y la cultura, tanto de Marruecos, Argelia, el Sáhara y Egipto, como de países de África Occidental, como Senegal o Níger, firmados por viajeros de todo tipo (periodistas, escritores, empresarios...).

Tras la Guerra Civil, el gobierno fascista del general Francisco Franco, obsesionado con la idea de aumentar la influencia española en África, impulsó algunas investigaciones en el seno de la Dirección General de Marruecos y Colonias y acabó fundando en el año 1945 el Instituto de Estudios Africanos (IDEA), auspiciado por el Centro Superior de Investigaciones Científicas (CSIC) y financiado y de hecho dirigido por el Ministerio de la Presidencia. El IDEA se dedicó especialmente a difundir la vocación civilizadora de España en África, así como los valores del nacional-catolicismo y las virtudes del ejército de Franco. A pesar de ello, publicó algunos estudios relevantes en arqueología, etnología, historia...

A finales de los años cincuenta y a lo largo de los sesenta empezaron a surgir varias iniciativas, en general al margen de la política oficial, con una mirada más abierta sobre el continente vecino: en 1959 se fundaba la sede española de IEPALA (Instituto de Estudios Políticos para América Latina y África), que tiempo más tarde editaría la revista *África Internacional*, y cuyo grupo sobre África sería posteriormente dinamizado durante varios años por Antonio Santamaría; en 1960 se empieza a editar la longeva *Mundo Negro*, editada por los Misioneros Combonianos, y poco después se crea en Madrid el Colegio Universitario Nuestra Señora de África, que progresivamente posibilitó un mayor contacto entre las realidades española y africana, y que además dio impulsó a varios proyectos académicos, como muestra que en 1991, sería la sede del I Congreso de Estudios Africanos del Mundo Ibérico, que este año 2010 celebra su VII edición en Lisboa.

• Africanismo en democracia

Durante la Transición, diversas iniciativas continuaron en el empeño de conocer mejor el continente vecino. Así, por ejemplo, en 1978, los Padres Blancos fundan en Madrid el Centro de Información y Documentación Africanas, que ocho años más tarde impulsa la revista *Cuadernos*, dedicada a África.

A lo largo de la década de 1980, el africanismo dio un giro importante: varios profesores plantaron las semillas en la universidad y ayudaron a gestar la actual vitalidad de los estudios africanos en España, que hoy son especialmente dinámicos en tres ámbitos: Historia y Antropología, Ciencias Políticas y Relaciones Internacionales, y Literatura y Lingüística.



Esta actividad universitaria pionera vino representada por varios profesores como Luis Beltrán (Universidad de Alcalá de Henares), José Urbano Martínez Carreras (Universidad Autónoma de Madrid), que sería presidente entre 1991 y 2003 de la Asociación de Africanistas Españoles, y José Luís Cortés (Universidad de Salamanca). Paralelamente, en Barcelona, el historiador Ferran Iniesta, tras un periplo de más de seis años de docencia en Dakar y Antananarivo, se convertía en 1985 en el primer profesor español que impartía la naciente asignatura de *Historia de África*, símbolo inequívoco de un cambio de época en una universidad, la de Barcelona (UB), que, como todas las de ese momento, estaban dedicadas especialmente a la historia europea y, secundariamente, americana. A principios de los noventa, tras décadas de investigación en Camerún y de docencia en París, el antropólogo Lluís Mallart volvía a su tierra natal catalana y conseguía, poco después, impulsar en la Universitat Rovira i Virgili de Tarragona el primer curso de posgrado especializado en estudios africanos en todo el Estado.

Estos profesores, entre otros, junto a decenas y decenas de perseverantes estudiantes apasionados por África protagonizaron desde finales de los ochenta y a lo largo de la década de 1990 múltiples iniciativas que hicieron arraigar definitivamente los estudios africanos en el estado español. De forma general, podemos agrupar dichas iniciativas en tres ámbitos: formación de centros, grupos y redes de estudio de las realidades africanas, la mayoría vinculados de algún modo a las universidades; organización de cursos, posgrados, másters y congresos; publicaciones de revistas, libros y colecciones de libros de estudios africanos.

Desde 1984, cuando se funda la Asociación de Africanistas Españoles en Madrid, y especialmente a partir de 1988, se suceden, en cascada, las fundaciones de Centros y Grupos de Estudios, llegando hoy a más de una decena de entidades en todo el territorio. Veámoslas sucintamente, por orden de aparición.

Durante el curso 1987-1988, varios profesores y estudiantes catalanes creaban en Barcelona el CEA (Centre d'Estudis Africans) con el objetivo inicial de promocionar y difundir los incipientes estudios africanos en la ciudad condal. Dos años después, en 1990, el CEA fundaba la revista *Studia Africana*, la cual, tras dos décadas y veinte números en su haber, es probablemente la revista de estudios africanos más consolidada y más conocida a nivel internacional. En 1995 se fundaba, también bajo el paraguas del CEA, la revista *Nova Africa*, dirigida desde el primer número por Antoni Castel.

En 1991, Jacint Creus fundó CEIBA (Centro de Estudios Internacionales de Biología y Antropología) en la ciudad de Vic. Centrada sobre todo en el ámbito de la oralidad africana, los investigadores de CEIBA han impulsado numerosos proyectos con universidades catalanas, ecuatoguineanas y francesas; han creado el Laboratorio de Recursos Orales (en el año 2000); y han fundado la revista *Oráfrica* (2005), entre muchísimas otras iniciativas destacables.



Un año después se fundaba el Centro de Estudios Africanos de la Universidad de La Laguna (CEAULL) en Tenerife. Centrado en sus primeros tiempos en el entorno canario, a partir de 2005, amplió sus fronteras y se convirtió en un centro universitario interdisciplinar que hoy cuenta con más de cuarenta investigadores.

Ese mismo año 1992 se formaba en la Universidad de Cádiz un grupo dedicado a la literatura francófona africana, que ha impulsado varias publicaciones y ha conseguido la obligatoriedad de diversas asignaturas dedicadas a la literatura africana en dicha universidad.

En 1993 nació en Barcelona TransLit, cuyo objetivo era difundir la obra de los autores de origen africano, asiático y latinoamericano. Especialmente entre 1995 y 2003 organizó varios eventos científicos dedicados a la literatura africana.

Poco después, en 1995 el GEA (Grupo de Estudios Africanos) iniciaba su larga y fructífera carrera en la Universidad Autónoma de Madrid. Entre sus múltiples actividades figura un programa de Doctorado en “Estudios Internacionales y Africanos” iniciado en el 2000 que obtuvo la mención de calidad del MEC en el curso 2005-2006, y que recientemente se reconvirtió en un Máster Oficial. De talante multidisciplinar, actualmente tiene más de una treintena de investigadores, muchos de los cuales publican regularmente numerosas obras de referencia.

Ese mismo año también nació LitPost, que, bajo la batuta de Felicity Hand y María del Mar García, junto con más de una docena de investigadores de varias universidades europeas y africanas, aborda el estudio de las literaturas africanas y del Índico.

En 1997, nuevamente de la mano de Ferrán Iniesta, nacía ARDA/RIDA (Agrupament per a la Recerca i Docència d'Àfrica/Red para la Investigación y Docencia de África), una red con vocación internacional que agrupa una veintena de grupos de investigación de varios países especialmente en Europa y África. Además del impulso de numerosos proyectos, uno de los grupos de ARDA es, juntamente con el CEA, el representante español en AEGIS (Africa-Europe Group for Interdisciplinary Studies). En 2002, ARDA consiguió que, por primera vez, se concediera un I+D centrado en las sociedades africanas. Ese mismo año, se encargó de la gestión académica y financiera de *Studia Africana*, que desde entonces está dirigida por Albert Roca, profesor de la Universitat de Lleida. Con voluntad integradora, ARDA ha reunido varios grupos de estudios africanos citados en este artículo y ha tenido un papel activo en varias de las ediciones del Congreso Ibérico de Estudios Africanos.

A partir de 1999, dentro del marco de HEGOA (Instituto de Estudios sobre Desarrollo y Cooperación Internacional/Nazioarteko Lankidetzta eta Garapenari Buruzko Ikasketa Institutua), un grupo de investigadores impulsan los estudios africanos en la Universidad del País Vasco/Euskal Herriko Unibersitatea,



especialmente sobre ámbitos como el desarrollo humano local, la seguridad en zonas de conflicto, la cooperación al desarrollo, la ayuda alimentaria y la democracia, entre otros.

En el 2006 nace el Grupo de Estudios Africanos de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria (UDLPGC), gracias a Germán Santana Pérez, quien, dos años después impulsó el VI Congreso de Estudios Africanos del Mundo Ibérico. Con una veintena de investigadores, este grupo pluridisciplinar se ha interesado especialmente por varios países de la costa atlántica africana, desde Marruecos hasta São Tomé.

Durante el curso 2007-2008 culmina un largo camino de actividad investigadora sobre África en la Universidad de Granada con la fundación del grupo AfricalnEs: Investigación y Estudios Aplicados al Desarrollo, impulsado por Soledad Vieitez y formado por un nutrido equipo multidisciplinar, aunque con un claro acento de la disciplina antropológica.

36

Los grupos citados hasta ahora ya muestran la inmensa pluralidad y dinamismo de los estudios africanos en España, pero es que la lista, gracias a numerosos investigadores e investigadoras interesados por el continente africano, es interminable. Así, por ejemplo, también podemos mencionar el Grupo Interdisciplinar para la Prevención y el Estudio de las Prácticas Tradicionales Perjudiciales (que empezó su andadura en 1989, bajo la batuta de Adriana Kaplan); el CSIC-Centre Milà i Fontanals (en el que Josep Martí y Yolanda Aixelà, con el apoyo de Lluís Mallart, coordinan un posgrado en estudios africanos que este año llega a su tercera edición), la Universidad de Valladolid (que recientemente creó la Cátedra UNESCO de Estudios Africanos Alberto-Jiménez-Arellano Alonso), así como varios profesores que trabajan, algunos desde hace veinte años, sobre temas africanos en las universidades de Salamanca, de Alcalá de Henares, de Jaén, de Murcia, la Universitat Autònoma de Barcelona, Universitat de Lleida, Universidad de León (en la que en 2007 se empezó a publicar la revista digital Afroeuropa), Universitat Pompeu Fabra, Universitat de Barcelona, Universidad Complutense, Universidad Miguel Hernández de Elche, Universidad de Santiago de Compostela, Universitat Rovira i Virgili de Tarragona, Universidade da Coruña (especialmente en el seno de la Asociación Luso-Galega de Antropoloxía Aplicada), Universitat Ramon Llull, Universidad Nacional a Distancia, así como otras iniciativas impulsadas por el Institut Catalunya Africa, Aula Aegyptiaca, la Fundación Carlos de Amberes, Fundación Sur, Fundación Carolina, la Fundació Cidob, Centro de Estudios Panafricanos y un largo etcétera.

Todo este gigantesco empeño en el conocimiento sobre África en las universidades y centros de estudios ha venido acompañado o respaldado por varias iniciativas públicas y privadas a través de las cuales se han reforzado las colaboraciones internacionales entre España y las universidades africanas, así como entre España y varias universidades europeas, a través de proyectos





internacionales, convenios y organización de congresos, siendo el más veterano el Congreso Ibérico de Estudios Africanos, organizado desde 1991 por universidades españolas y portuguesas alternadamente.

También han jugado un papel importante en la difusión de los estudios africanos varias valientes iniciativas editoriales como, entre otras, las protagonizadas en las últimas tres décadas por Editorial Mundo Negro, Serbal-Unesco, Sendai, Los libros de la Catarata, Ediciones Sial, Ediciones Bellaterra, Ceiba Ediciones, Oozebaap, así como los servicios de publicaciones de varias universidades.

• Pisando fuerte hacia el futuro

Como hemos visto, a lo largo de los últimos veinticinco años, la energía individual y grupal de los africanistas españoles ha permitido cosechar muchísimos proyectos –de ámbito español e internacional- para ampliar, profundizar y difundir el conocimiento sobre África. De hecho, la dinámica creativa de los científicos españoles dedicados a África no puede ser absorbida por las universidades españolas y varios científicos deben ir a trabajar al extranjero, cosa que, de hecho, al reforzar las relaciones internacionales, también retroalimenta los estudios africanistas en España ya sea a través de la relación entre grupos de investigación, de redes formalmente instituidas o de contactos personales. Esta idea de internacionalización, tan en boga en los últimos años, ya fue propulsada hace casi dos décadas por algunos investigadores portugueses y españoles cuando se inauguró la primera edición del congreso de estudios africanos en el mundo ibérico.

Esta dinámica científica aglutinadora, que, como hemos visto, es totalmente operativa en grupos pluridisciplinares muy amplios en varias universidades españolas, ha llegado a su punto más álgido este mismo año 2010, en el que, de la mano del incansable Ferran Iniesta, ha sido reconocido oficialmente el Máster Euro-africano en Ciencias Sociales CUDA (Culturas y Desarrollo en África), que reúne a cinco universidades catalanas con las principales universidades de Senegal, Camerún, Madagascar y Guinea Ecuatorial y que ha sido impulsado por el Institut Catalunya Africa.

En los últimos años, algunas instituciones públicas españolas han secundado, finalmente, la prolífica vida académica del africanismo. Ahí está el nacimiento de Casa África, por ejemplo, y su colaboración en numerosos proyectos de investigación. Pero también el apoyo de algunas universidades a los estudios africanos, así como la ayuda puntual de ciertos gobiernos autónomos. En definitiva, no debemos olvidar que las instituciones las hacen las personas, y que esas personas, en el campo del africanismo, han dicho mucho hasta hoy, pero todavía tienen mucho que decir en el futuro. Y es que tal vez, al menos desde nuestro punto de vista, falta un apoyo más rotundo hacia los estudios



africanos. Esperamos que de una vez por todas las instituciones públicas y privadas se percaten que una sociedad que no aprovecha el trabajo, el esfuerzo y la pasión de sus investigadores es una sociedad fallida. Pase lo que pase en días venideros en la relación entre administración e investigadores, es evidente que los estudios africanos en el estado español gozan hoy de buena salud. En este sentido, como hemos venido mostrando en estas páginas, no hay duda que el africanismo, a pesar de todas las dificultades políticas, económicas y administrativas, pisa fuerte hacia el futuro.

AFRICAN STUDIES IN CONTEMPORARY SPAIN

Jordi Tomàs⁴

38

In Spain, as was the case in many other European countries, the academic interest in Africa began in the late nineteenth century within the colonial context. In 1876, at the height of the European imperialist pressure in Africa, the Spanish Geographic Society and the Spanish Association for the Exploration and Civilization of Central Africa were created. Soon after, in 1883, the Spanish Society of Africanists and Colonialists was established.

For decades, attempts towards an intellectual approach with Africa were embedded in the dominant racism which deemed inferior the inhabitants of the neighbouring continent, and most studies were conceived to prove the need to “civilize” the Africans. Despite this ethnocentric approach, some useful literature was published, especially about Equatorial Guinea, such as grammars and dictionaries, mostly of missionary authors. Up until the Spanish Civil War (1936-1939), some Spanish journals also published several articles – written by all kinds of travellers (journalists, writers, businessmen...) – on the history and culture of Morocco, Algeria, the Sahara and Egypt, and of West African countries, such as Senegal and Niger.

After the Civil War, the fascist government of General Francisco Franco, obsessed with the idea of increasing the Spanish influence in Africa, prompted some research through the Directorate-General of Morocco and the Colonies and founded, in 1945, the Institute for African Studies (Instituto de Estudios Africanos, IDEA), sponsored by the Centre for Scientific Research (Centro

⁴ Most of the data in this paper were presented and extensively debated in Tomàs, Jordi and Albert Farré (2009): “Los estudios africanos en España: balance y perspectivas”, Documentos Cidob, Serie Desarrollo y cooperación, 4, Cidob, Barcelona (http://www.cidob.org/en/publications/cidob_documents/development/num_4_los_estudios_africanos_en_espana_balance_y_perspectivas).





Superior de Investigaciones Científicas, CSIC), and funded, in fact also headed, by the Ministry of the Presidency. The IDEA was formally dedicated to spreading the civilizing vocation of Spain in Africa, as well as, the national-Catholicism values and virtues of Franco's army. Nevertheless, it also published some relevant studies in archaeology, ethnology and history.

In the late fifties and throughout the sixties, besides the official policy, several other initiatives began to emerge which shared a more open-minded view on the neighbouring continent: in 1959, the IEPALA (Instituto de Estudios Políticos para América Latina y África / Institute of Political Studies for Latin America and Africa) was founded. It was responsible for publishing the *International Africa* journal where, later on, Antonio Santamaria would boost the African studies group. In 1960, the Combonian Missionaries started a new publication, *Mundo Negro*, and soon after created the University College Our Lady of Africa (Colegio Universitario Nuestra Señora de África), in Madrid. This gradually led to greater contact between the Spanish and African realities, and also gave impetus to several academic activities, such as the first Iberian Congress of African Studies, which this year celebrates its seventh edition in Lisbon.

• Africanism in Democracy

During the democratic transition in Spain, various initiatives continued in the effort to learn more about Africa. For example, in 1978, the White Fathers missionaries founded the Centro de Información y Documentación Africanas (African Information and Documentation Centre), in Madrid, which would introduce, eight years later, a new journal, *Cuadernos*, dedicated to this continent.

The 1980s marked a turning point of the focus on Africa, which stemmed from the university environment and is expressed by the current vitality of African studies in Spain, which today are particularly active in three areas: History and Anthropology, Political Sciences and International Relations, Literature and Linguistics. This pioneering university activity was represented by several professors such as Luis Beltrán (Universidad de Alcalá de Henares), José Urbano Martínez Carreras (Universidad Autónoma de Madrid), who became president of the Spanish Association of Africanists (Asociación Española de Africanistas) from 1991 to 2003, and José Luis Cortés (Universidad de Salamanca). Similarly, in Barcelona in 1985, the historian Ferran Iniesta, after spending more than six years teaching in Dakar and Antananarivo, became the first Spanish professor to teach History of Africa. This was an unmistakable symbol of change at the University of Barcelona (UB) which, like all Spanish universities, was (mainly) devoted to European and American history. In the early nineties, after decades of research in Cameroon and teaching in Paris, the anthropologist Lluís Mallart returned to his native Catalonia and promoted the first graduate degree on African studies, at the University Rovira i Virgili of Tarragona. These and other

professors, along with many dozens of persevering students, were involved in multiple initiatives that, from the late eighties and throughout the 1990s, definitely rooted African studies in the Spanish state. These initiatives can broadly be grouped into three activities: training centres, study groups and networks linked mostly to universities; setting up graduate courses, master's degrees, and academic conferences; editorial activity, including the publication of specialised journals, books, and book collections on African studies.

Since 1984, when the Association of Spanish Africanists was founded in Madrid, and especially after 1988, several Centres and Study Groups were founded, amounting to more than a dozen entities throughout the country. Let's look at them briefly, in order of appearance. During the academic year 1987-1988, several Catalan professors and students created the CEA (Centre d'Estudis Africans), in Barcelona, with the initial objective of promoting and disseminating the emerging African studies in this city. Two years later, in 1990, CEA started publishing the *Studia Africana* journal which, two decades and twenty issues later, is probably the most established and internationally renowned Spanish journal of African studies. Founded in 1995, also under the wing of CEA, the first issue of the *Nova Africa* journal was published by Antoni Castel.

In 1991, Jacint Creus founded CEIBA (Centro de Estudios Internacionales de Biología y Antropología / Centre for International Studies in Biology and Anthropology) in the city of Vic. Focused mainly on the field of African orality, CEIBA researchers have pushed many projects with Catalan, Equatorial Guinea and French universities; they also created the Oral Resources Laboratory (in 2000) and founded the *Oráfrica* (2005) journal, amongst many other notable initiatives.

A year later, the Centre for African Studies was founded at the University of La Laguna (CEAULL), in Tenerife. Based, in its early days, in the Canary Islands, it expanded its borders in 2005, and became an interdisciplinary university centre that now welcomes more than forty researchers.

Furthermore, in 1992, a research group dedicated to African Francophone literature began its activities at the University of Cadiz, and has since launched several publications and courses devoted to African literature at that university.

In Barcelona, in 1993, a group named Translit began promoting the works of authors of African, Asian and Latin American origin. Between 1995 and 2003, they organized a series of academic meetings focusing on African literature.

Soon after, in 1995, GEA (Group of African Studies) began its long and fruitful career at the Autonomous University of Madrid. Its many activities include a doctoral programme on "International and African Studies" that began in 2000, and which won a quality recommendation by the MEC, in 2005-2006, having been recently converted into an Official Master's Degree. This multidisciplinary centre currently welcomes more than thirty researchers, many of whom regularly publish in reference books and journals.



That same year, LitPost was created. Under the guidance of Felicity Hand and Maria del Mar García, along with more than a dozen researchers from several European and African universities, it addresses the study of African and Indian literature.

In 1997, Ferrán Iniesta promoted the creation of ARDA / RIDA (Agrupament per a la Recerca i Docència d'Àfrica / Network for Research and Teaching about Africa), through an international network, bringing together some twenty research groups, in several countries, especially in Europe and Africa. ARDA is, together with CEA, the Spanish representative in AEGIS (Africa-Europe Group for Interdisciplinary Studies). In 2002, ARDA received, for the first time, an R&D focused on African societies. That same year it took on the *Studia Africana* journal, headed by Albert Roca, a professor at the Universitat de Lleida. ARDA integrates several groups of African studies mentioned in this paper and has been active in several editions of the Iberian Congress of African Studies.

Since 1999, within the framework of HEGOA (Institute of Development Studies and International Cooperation / Nazioarteko Lankidetzeta eta Garapenari Buruzko Ikasketa Institutua), a group of researchers are heading the African studies at the University of the Basque Country / Euskal Herriko Unibersitatea, focusing on areas such as human development, local security in areas of conflict, development cooperation, food aid and democracy, amongst others.

In 2006, the Group of African Studies was created at the University of Las Palmas de Gran Canaria (UDLPGC) by German Santana Pérez who, two years later, organized the Sixth Iberian Congress of African Studies. With over twenty researchers, this multidisciplinary group is particularly interested in several countries of the African Atlantic coast, from Morocco to São Tomé.

During the academic year of 2007-2008, the group AfricalnEs: Investigación y Estudios Aplicados al Desarrollo (Applied Research and Development Studies) was founded at the University of Granada. This was the culmination of years of research activity on Africa, lead by Soledad Vieitez together with a multidisciplinary team containing a strong contingent of anthropologists.

The groups, cited so far, clearly show the huge variety and dynamism of African studies in Spain, and this list, thanks to the many scholars and researchers interested in the African continent, is endless. For example, we can also mention the Grupo Interdisciplinar para la Prevención y el Estudio de las Prácticas Tradicionales Perjudiciales - Interdisciplinary Group for the Study and Prevention of Harmful Traditional Practices (which started in 1989, under the guidance of Adriana Kaplan), the CSIC-Milà i Fontanals Centre (where Josep Aixelà Yolanda Marti, supported by Lluís Mallart, coordinates a graduate degree in African studies, which will be its third edition this year), the University of Valladolid (which recently created the Alberto-Jiménez-Arellano-Alonso UNESCO Chair on African Studies). Furthermore, several professors and lecturers have worked, for the past twenty years, on African issues at various universities:



Salamanca, Alcalá de Henares, Jaén, Murcia, Universitat Autònoma de Barcelona, Universitat de Lleida, Universidad de León (that began publishing the digital magazine Afroeuropa, in 2007), Universitat Pompeu Fabra, Universitat de Barcelona, Universidad Complutense, Universidad Miguel Hernández de Elche, Universidad de Santiago de Compostela, Universitat Rovira i Virgili de Tarragona, Universidade da Coruña (especially in the Luso-Galician Association of Applied Anthropology), Universitat Ramon Llull, Universidad Nacional a Distancia. Finally, other initiatives have been promoted by the Institut Catalunya Africa, Aula Aegypciaca, Fundación Carlos de Amberes, Fundación Carolina, Fundació CIDOB, Centro de Estudios Panafricanos, and many others.

This overwhelming effort to bring African studies into universities and research centres has been followed and supported by various public and private initiatives. These have strengthened international collaborations between Spain and African universities, and between Spain and several European universities, through international projects, conferences and conventions – the oldest one being the Iberian Congress of African Studies, organized by Spanish and Portuguese universities, since 1991. Publishing activities also played an important role in disseminating African studies. Over the past three decades this was carried out by Editorial Mundo Negro, Serbal-Unesco, Sendai, Los libros de la Catarata, Ediciones Sial, Ediciones Bellaterra, Ceiba Ediciones, Oozebaap, and by publishing services from various universities.

- Moving steadily towards the future

As we have seen, over the past twenty-five years, the vitality of individuals and groups of Spanish Africanists has made it possible to broaden, deepen, and disseminate knowledge about Africa, both in Spain and internationally. Several scholars and researchers are working abroad: strengthening international relations, and contributing towards consolidating both formal and informal networks. International activity, so fashionable in recent years, was propelled almost two decades ago by some Portuguese and Spanish researchers when they launched the first edition of the Iberian Congress of African Studies.

This dynamic scientific umbrella, which, as we have seen, is fully operational in large multidisciplinary groups at several Spanish universities, has reached its peak this year. It has earned the official recognition of Euro-African Master's in Social Sciences CUDA (Culture and Development in Africa) – bringing together five Catalan universities and leading universities in Senegal, Cameroon, Madagascar and Equatorial Guinea – and has been driven by the Institut Catalunya Africa with the help of the tireless efforts by Ferran Iniesta.





In recent years, some public Spanish institutions have supported these prolific activities on African studies, and occasionally there has been support from regional governments. The creation of Casa Africa is worth mentioning, for its collaboration in many research projects. Several other universities are also supporting African studies, although overall there is still a lack of a more resounding support towards this field of studies. But we must not forget that institutions are created by people, and they still have much to say in the future about the field of African studies. We hope that, once and for all, public and private institutions will realise that any society that does not recognise the efforts and the passion of its researchers is a failed society. It is quite clear that African studies in Spain have been expanding and, as I have tried to describe here, there is no doubt that this field of studies is steadily moving forward.

